

As teorias sobre o profissional jornalista e o binômio comunicação e trabalho



Rafael Grohmann

Doutorando em Ciências da Comunicação pela USP
Professor da graduação em Comunicação Social
do Complexo Educacional FMU-FIAM-FAAM
E-mail: rafael-ng@uol.com.br

Resumo: O artigo pretende refletir criticamente sobre teorias que buscam compreender os jornalistas: a corrente funcionalista e os estudos sobre *gatekeepers* e *newsmaking*; a perspectiva sociológica e deontológica da profissão, que se propõe a estudar a identidade profissional do jornalista; e os estudos do jornalista a partir do binômio Comunicação e Trabalho, que partem de uma abordagem ergológica para entender os valores, as normas e as relações de comunicação dos jornalistas no mundo do trabalho.
Palavras-chave: jornalismo, jornalista, teoria, comunicação, trabalho.

Las teorías sobre el periodista profesional y el binomial comunicación y trabajo

Resumen: Este artículo tiene como objetivo hacer una reflexión sobre las teorías que tratan de comprender a los periodistas: la teoría funcionalista, la perspectiva sociológica y deontológica de la profesión, que tiene por objeto el estudio de la identidad del periodista, y los estudios sobre el periodista a a partir del binomio Comunicación y Trabajo, con el fin de comprender los valores y las relaciones de comunicación en el mundo del trabajo.

Palabras Clave: periodismo, periodista, teoría, comunicación, trabajo.

Theories about the professional journalist and binomial communication and work

Abstract: The paper intends to make a reflection on theories that seek to understand the journalists: the functionalist approach and studies on *gatekeepers* and *newsmaking*; sociological perspective and ethics of the profession, that propose to study the professional identity of the journalist, and the journalist's studies from binomial Communication and Work to understand the values and the relations of communication of journalists in the world of work.

Keywords: journalism, journalist, theory, communication, work.

Introdução

Nos últimos anos, o mundo do trabalho dos jornalistas passou por muitas transformações, devido não somente à introdução de novas tecnologias, mas também à reconfiguração produtiva e à reorganização do trabalho. A partir desse ponto de vista, têm sido realizadas atualmente diversas pesquisas relacionadas à temática *mudanças do jornalismo* e do *perfil dos jornalistas*, apresentadas em Congressos nacionais e internacionais.

Há pesquisas sobre jornalistas que partem desde estudos sobre *gatekeepers* e *newsmaking*, passando por estudos deontológicos e sociológicos da profissão, com tradição principalmente nos Estados Unidos e na França, causando impacto em pesquisas nesta área no Brasil. Apesar de serem pesquisas consideradas dominantes nesta fração¹ do

¹ Mesmo sendo tema de alguns congressos, esta problemática aparece ainda de maneira tímida na maioria dos eventos científicos do campo, sem haver grupo de trabalho/ discussão específicos. Nos Congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), a perspectiva do trabalho e da profissão de jornalista está relacionada, por exemplo, à ementa do grupo de Teoria do Jornalismo.

campo científico na área da Comunicação, não podem ser consideradas como sendo os únicos estudos sobre a profissão.

*A cultura
jornalística expressa
suas prescrições
por meio dos
critérios de noticia-
bilidade e de sua
rotina produtiva*



Desde 2009, o Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT/ ECA-USP) está envolvido com a pesquisa “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional de São Paulo”² e propõe estudar a profissão e o trabalho a partir do binômio Comunicação e Trabalho. Com isso, este artigo pretende apresentar os estudos dominantes sobre os jornalistas e o diferencial de se estudar o jornalista a partir deste binômio, com as diferenças e semelhanças para outras teorias. O intuito de apresentar as outras teorias, aqui, não é de denegri-las, ou apresentá-las como teorias ‘menores’. Ao apresentar as aproximações e distanciamentos entre essas abordagens, reconhecemos a importância desses estudos.

O Primado do Funcionalismo e o Jornalismo como Prescrição

Os primeiros estudos na teoria do jornalismo são a *teoria do espelho* e as pesquisas sobre *gatekeepers* e *newsmaking*. Wolf (2005) trata essas teorias como preocupadas com os “efeitos a longo prazo” na teoria da comunicação e relacionadas a uma “sociologia dos emissores”. Na verdade, essas correntes se aproximam do chamado ‘funcionalismo sociológico’, que

² Com apoio da Fapesp.

influenciou os estudos em comunicação e continua presente no campo, mesmo que de forma, muitas vezes, “invisível”.

Na Teoria do Espelho, o jornalismo é reflexo da realidade, e o jornalista consegue representar a realidade de modo fiel. Seria, então, um “mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais” (Pena, 2005:125). O profissional, portanto, conseguiria atingir a objetividade.

Essa objetividade também será figura central em outras teorias de cunho mais ‘construcionista’ (Pena, 2005; Traquina, 2005a), mas igualmente com traços funcionalistas – considerando conceitos como coesão, função e ritual, utilizados pelos cientistas sociais dessa corrente teórica. Uma dessas teorias do jornalismo mais ‘construcionistas’ é a do *gatekeeping*, que trata comunicação como “canal” e “zona-filtro”, conceitos presentes nas teorias funcionalistas da comunicação (Mattelart; Mattelart, 1999).

A partir dos estudos de Kurt Lewin (1947) com relação aos hábitos alimentares, David Manning White (1961) aplica os conceitos de zona-filtro e *gatekeepers* ao campo jornalístico, tentando definir as zonas-filtro pelas quais as informações são aprovadas ou rejeitadas. Os jornalistas, nessa visão, são os “guardiões da notícia”, definindo o que é notícia e o que não é. Percebe-se, a partir de uma breve análise da linguagem desse conceito, que os jornalistas ainda são vistos como “guardiões”, ligados ao jornalismo da “Época das Luzes”, em que o profissional teria a função didática de ser o “guardião da sabedoria de um povo”. Trata-se, a princípio, de uma teoria com foco máximo no indivíduo-jornalista, compreendendo limitadamente o trabalho jornalístico, tal como diz Traquina (2005a).

Para Shoemaker e Vos (2011:11), *gatekeeping* é “o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informa-

ção na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna”. As pessoas confiam em mediadores para serem ‘editores de seus mundos’. “Os jornalistas sondam o ambiente e atuam como representantes institucionais para o restante de nós. Os jornalistas criam artefatos sociais, palavras e imagens que transmitem informações” (Shoemaker; Vos, 2011:42).

Com o avançar das pesquisas, os estudos sobre o *gatekeeper* começam a perceber que, mais do que baseados nos juízos individuais feitos pelos jornalistas, os critérios de noticiabilidade fazem parte de critérios profissionais e organizacionais tais como a eficiência e a velocidade, ou seja, “o contexto profissional-organizacional-burocrático circunstante exerce uma influência decisiva nas escolhas dos *gatekeepers*” (Wolf, 2005:187). Deste modo, como no estudo de Breed (1955), a política editorial de um jornal é aprendida por “osmose”, a partir do processo de socialização dos jornalistas dentro da redação.

O trabalho do jornalista é visto como mecânico e funcional para a organização jornalística, num todo. “As rotinas são funcionais nas organizações de comunicação porque tornam gerenciável o ingerenciável” (Shoemaker; Vos, 2011:84). Gieber (1956), por exemplo, descreve o editor como um sujeito que é preso a detalhes mecânicos, que são como uma camisa de força. O trabalho do editor, então, “é essencialmente passivo, e o processo de seleção é mecânico. (...) A organização e suas rotinas eram mais importantes que as características do funcionário individualmente” (Shoemaker; Vos, 2011:30).

A partir dos anos 1970, principalmente a partir dos trabalhos de Gaye Tuchman (1978) e Herbert Gans (1979), começam a ser desenvolvidas as pesquisas sobre *newsmaking*, que tentam mostrar quais imagens de mundo passam os noticiários, e como isso se relaciona com as exigências da rotina de produção nas organizações jornalísticas. Com influência de Berger e Luckmann

(1999), o jornalista passa a ser visto como participante ativo na construção da realidade. A diferença para os estudos de *gatekeeping* é que aqui “não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo” (Pena, 2005:129). O processo de produção da notícia é planejado como uma rotina profissional, com normas editoriais, que são mais importantes do que as crenças individuais dos jornalistas.

Por mais que esta abordagem esteja relacionada ao modo de produção das notícias em uma redação, ela procura compreender as práticas sociais dos jornalistas com relação às notícias, entendendo a cultura profissional, a organização do trabalho e dos processos de produção por meio de um método etnográfico, que é próprio da Antropologia. Outro ponto fundamental das rotinas de produção jornalística é a escassez de tempo e de meios.

Desse modo, e é o que as pesquisas em *newsmaking* enfatizam, há um quadro de expectativas estáveis, que dão coesão à cultura jornalística e que podem ser expressas através de rituais, em como o coletivo se sobrepõe ao individual, como a partir de rituais. Como diz Radcliffe-Brown (1973), os rituais são os responsáveis pela integração de uma cultura. Para Vizeu (2005), devemos romper com essa tradição, vinda principalmente dos estudos americanos e ingleses de sociologia da notícia, que considera as rotinas profissionais “como se todo dia o jornalista fosse submetido a regras estabelecidas e padronizadas” (Vizeu, 2005:9). A relação que esses estudos têm com o trabalho jornalístico entende de forma determinista os constrangimentos organizacionais.

A partir dessas reflexões sobre as teorias do espelho, do *gatekeeping* e do *newsmaking*, pode-se afirmar que, nesses estudos, a cultura jornalística expressa suas prescrições por meio dos critérios de noticiabilidade e de sua rotina produtiva. Trata-se do plano do “como deve ser”, “como ser um bom jornalista”. Muitas vezes coloca-se “rotina” como

um processo mecânico, tomando o jornalista apenas como “produto” do “coletivo”, a partir da visão de Émile Durkheim (1996). Desse modo, oculta-se a percepção do jornalista como sujeito social. Como diz Vizeu (2005:184), “a redação é um ambiente tensional, de disputas, de sujeitos que, de uma forma ou de outra, no trabalho da enunciação, produzem discursos que, no jargão jornalístico, são chamados de notícia”. Essa concepção de sujeito, inclusive, será útil para a compreensão do binômio Comunicação e Trabalho. “Falar em rotina como um processo mecânico é desconhecer a dimensão simbólica do jornalismo, a sua dimensão discursiva” (Vizeu, 2005:184).

Os Estudos Sociológicos da Profissão: Estados Unidos e França

Algumas pesquisas, realizadas principalmente na França e nos Estados Unidos, priorizam o conhecimento sociológico sobre a profissão de jornalista, ou seja, qual a sua condição social, as suas atitudes, tentando compreender a formação, a educação e a deontologia da profissão. Estas pesquisas se diferenciam da abordagem relacionada ao newsmaking por não priorizar questões como coesão ou rituais temporais, mas problemáticas ligadas à identidade profissional, muitas vezes a partir de uma epistemologia que prioriza o olhar sobre as questões ligadas ao conflito.

A abordagem da sociologia das profissões é um marco teórico, onde, a partir de Greenwood (1957), tenta compreender aspectos deontológicos, a ratificação de uma comunidade profissional e o sentimento de autoridade profissional. Trata-se de uma discussão sobre o jornalismo ser ou não ser uma profissão. Como diz Traquina (2005b: 107), “em todos os países, os jornalistas não foram exceção quanto aos objetivos essenciais do processo de profissionalização: 1) maior liberdade e autonomia e 2) um estatuto social identificado com as profissões dos médicos e advogados”.

Dénis Ruellan (1997), no entanto, afirma que somente compreender se o jornalismo é ou não uma profissão e qual sua função não deve ser a tônica dos trabalhos sobre os jornalistas. Mais do que isso, deve-se levar em conta a visão de mundo do jornalista e a concepção de sua própria posição no espaço social. Nesse sentido, são valorizados os estudos sobre a identidade jornalística, que Traquina nomeia como “tribo jornalística” e como “comunidade interpretativa transnacional”, a partir do conceito de Benedict Anderson (2008) de “comunidades imaginadas”.

Essa perspectiva de se estudar a profissão resultará em diversas pesquisas sobre os perfis dos jornalistas, em diversos países. O marco dessa abordagem é a pesquisa de John Johnstone (1976), realizada em 1971 e publicada posteriormente, “The News People: a sociological portrait of american journalists and their work”. Trata-se do primeiro grande *survey* que busca averiguar o perfil do jornalista americano, já que, até então, a consideração do jornalista pelas teorias do campo da comunicação era quase nula.

Nesta época, constatou-se que os jornalistas migram mais de emprego do que a maioria dos trabalhadores americanos, com o campo sendo caracterizado com alta mobilidade de trabalho. Do mesmo modo, há ausência de pontos em comum nas rotas de entrada da profissão na década de 70, ou seja, os profissionais possuíam diferentes formações educacionais. Além disso, o jornalismo é visto pelos profissionais como orientado pelos seguintes valores: serviço público, autonomia e liberdade.

Esse estudo de Johnstone (1976) foi seguido nas décadas seguintes por um grupo de professores, especialmente por David Weaver, que, de década em década, aplica um questionário por telefone a jornalistas (na última pesquisa, realizada em 2002, cerca de 1.500 jornalistas participaram da pesquisa, tentando, a partir do referencial de Johnstone, atualizar o perfil do jornalista americano). Um dos grandes problemas é que permanece,

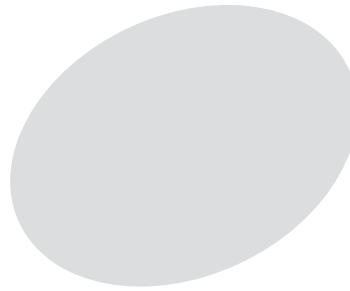
desde a pesquisa de 1971, o critério de não pesquisar *freelancers* ou jornalistas que não exerçam a profissão em tempo integral, o que parece um contrassenso com relação às mudanças na profissão nos últimos tempos.

Nesta última pesquisa com o jornalista americano, realizada em 2002, Weaver (2007) está preocupado com as mudanças que a internet tem causado no trabalho dos jornalistas, já que, na pesquisa anterior, em 1992, a rede mundial de computadores ainda não havia se popularizado. Em perfil, Weaver (2007) considera os jornalistas “online” como parecidos com os outros jornalistas americanos em questão de gênero, idade e raça, mas são sensivelmente mais jovens e com menos negros. Eles são mais isolados das fontes noticiosas do que outros tipos de jornalistas, mas estão mais em contato com leitores, ouvintes e internautas. O que mais o surpreendeu nessa etapa da pesquisa foi o fato de essa parcela dos jornalistas não gostar que as pessoas expressem os mais variados pontos de vista acerca de uma notícia, o que soa contraditório, pelo próprio formato das mídias digitais.

Por mais que as pesquisas de Johnstone (1976) e Weaver (2007) sejam importantes no sentido de uma vigilância com relação ao perfil da profissão e aos valores que estão em volta dela, há somente o plano da descrição em décadas diferentes. Ou seja, carecem de teorias do campo da comunicação que ajudem a melhor iluminar os dados das pesquisas. Nesse sentido, seguindo o modelo metodológico de pesquisa de Maria Immacolata Lopes (2001), faltam referências nos níveis epistemológicos e teóricos nessas pesquisas sobre os jornalistas americanos. Do mesmo modo, não há uma reflexão epistemológica mais profunda sobre os questionários aplicados aos jornalistas, por telefone, ou, nos termos de Bourdieu (2005), não há uma “vigilância epistemológica”.

Na França, as pesquisas nesse âmbito se iniciaram na década de 1980, e os maiores expoentes na área são Érik Neveu, Alain Ac-

cardo e Rémy Rieffel. Seus estudos possuem mais densidade teórica, embora não tenham um perfil atualizado dos jornalistas no país, a exemplo dos estudiosos norte-americanos. Neveu (2006) e Accardo (2007) foram alunos de Pierre Bourdieu e possuem certa influência de suas teorias. Para Bourdieu (1997:30), “o jornalista é uma entidade abstrata que não existe: o que existe são jornalistas diferentes segundo o sexo, a idade, o nível de instrução, o jornal, o meio de informação. O mundo dos jornalistas é um mundo em que há conflitos, concorrências, hostilidades”.



O jornalismo é visto pelos profissionais como orientado pelos seguintes valores: serviço público, autonomia e liberdade

Accardo (2007) pesquisou alguns jornalistas franceses a partir de uma metodologia semelhante a que foi usada por Bourdieu em “A Miséria do Mundo” (2008), ou seja, a partir de entrevistas em profundidade e histórias de vida, tentar, a partir dos sujeitos individuais, compreender algumas variáveis macrossociais e como se dão as variações de ações e interações dentro de um mesmo campo e de um mesmo habitus, no caso, o campo jornalístico.

Para Accardo (2007), os jornalistas são cheios de contradição e afirma que há um déficit de capital cultural entre os jornalistas, o que faz com que muitos deles tenham uma incapacidade de apreender o mundo complexamente, pensando somente em categorias simplistas e estereótipos. Outro autor, Rémy Rieffel (2003), analisa que a identidade social do profissional dos meios de comunicação é vaga, ou seja, o jornalismo não po-

deria ser considerado uma profissão *stricto sensu*, no sentido sociológico do termo “profissão”; pois “é-se engenheiro mesmo sem trabalho; é-se médico ou advogado, mesmo sem clientes. Mas só se é jornalista quando se escreve num jornal” (Rieffel, 2003:127).

*O jornalista tem que ser
multiplataforma
e polivalente,
com a exigência de
domínio dos mais
variados meios
e linguagens*



O aspecto plural da profissão leva Neveu (2006) a falar “jornalismos”, além de o profissional ter múltiplos papéis. Como se vê, os estudos que abarcamos na perspectiva dos ‘estudos sociológicos da profissão’ colocam o problema da identidade profissional em primeiro plano, e exerceram influência, em alguma medida, sobre pesquisadores brasileiros, como Zelia Adghirni (2005) e Fábio Henrique Pereira (2008).

Em suma, a perspectiva sociológica, de certa forma, recuperou o “sujeito” dos estudos sobre os “emissores”, para parafrasear Mauro Wilton de Sousa (1995), que afirmou ser necessário recuperar a dimensão de sujeito dos estudos de recepção. Mas, de um lado, se os estudos americanos carecem de maior reflexão teórica e epistemológica, parece faltar, em geral, um maior aporte do campo da comunicação, mesmo que algumas reflexões sirvam a esse campo e ao próprio binômio Comunicação e Trabalho.

O Jornalista e o Binômio Comunicação e Trabalho

Um estudo sobre o jornalista a partir do binômio Comunicação e Trabalho deve

considerar este binômio como constitutivo da atividade humana. As atividades de comunicação e de trabalho (consideradas como atividades humanas) não são óbvias. E nem nascem do nada. Quando falamos algo, quando trabalhamos, ou ainda, quando falamos sobre o trabalho, estamos nos posicionando diante do mundo, estamos marcando um lugar de fala, expondo os valores e as escolhas que norteiam nossas subjetividades.

O binômio Comunicação e Trabalho se apoia na abordagem da Ergologia, um campo interdisciplinar com raízes na filosofia e que possui como referência o filósofo francês Yves Schwartz. A abordagem ergológica é uma perspectiva para conhecer melhor as situações de trabalho e para tentar transformá-las, considerando o trabalho como “atividade industriosa” e a complexidade desta atividade. O prefixo “ergo” significa ação, obra, trabalho. A ênfase dessa abordagem está mais no ponto de vista do trabalhador, centrando-se “sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio na qual ela está engajada” (Schwartz; Durrive, 2010:295).

A atividade de trabalho envolve prescrições e normas, como os manuais, por exemplo, mas também envolve a “realidade” da atividade. Há sempre uma distância entre o que é “prescrito” e o que é “realizado”. O trabalho real é sempre resultado dessas renormalizações em relação ao trabalho prescrito, e constatar esta permanente renormalização significa um “mundo do trabalho que transborda” (Schwartz; Durrive, 2010). Por que nunca a atividade real de trabalho é igual às prescrições? Porque há o engajamento do sujeito da atividade, por menor que seja a possibilidade de renormalização, pois há o inédito da atividade.

A distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, então, remete sempre a um debate de valores e à atividade do corpo-si. E, se, portanto, remete ao corpo-si, envolve um uso de si: um uso de si “por si mesmo” e um uso de si “pelos outros”. Nesse uso de si, não raro, ocorrem “dramáticas do uso de si”. Se

o que há são debates de valores e renormalizações, a atividade aparece como uma tensão, uma dramática, pois, ao fazer “uso de si”, acarreta novos acontecimentos e a relação do indivíduo com outras pessoas e com o meio. Ou seja, não há um sujeito assujeitado, mas há brechas para agir no cotidiano.

Nesse sentido, não se pode pensar o jornalismo apenas como uma profissão, mas como uma atividade que envolve processo e organização do trabalho e também “dramáticas do uso de si”. Deve-se dar visibilidade ao que está invisível nesses estudos: o “ponto de vista do trabalho”.

A partir da perspectiva ergológica, e procurando relacionar comunicação e trabalho, podemos estudar as relações de comunicação no mundo do trabalho. Estudar a comunicação no mundo do trabalho, então, como diz Fígaro (2010), é um ponto de vista especial que nos permite revelar interações entre subjetividades, entre o que é constitutivo do humano, além de mostrar a partir de quais valores as pessoas fazem suas escolhas.

Entre 2006 e 2008, foi realizada a pesquisa “Comunicação e Trabalho: as mudanças no mundo do trabalho das empresas de comunicação”.³ Pode-se observar uma disputa de sentidos na comunicação entre os profissionais sobre o que é a informação, por exemplo. Como diz Fígaro (2009b), em um questionário quantitativo aplicado às empresas de comunicação foram poucos os que consideraram a informação como um direito comum e bem público. A resposta mais assinalada relaciona a informação a um negócio de muita lucratividade e um produto fundamental na sociedade contemporânea.

A partir dessa perspectiva e de seus últimos estudos, como Fígaro (2008) e Lima (2010), podemos entender o mundo do trabalho do jornalista como central para a construção das subjetividades e para a negociação de sentidos dos produtos culturais consumidos, ou seja, o mundo do trabalho pode ser

visto como mediação fundamental da comunicação (Fígaro, 2001; Martín-Barbero, 2008). “Mesmo quando não está em horário de trabalho, o jornalista está investido do mandato que lhe é delegado pelo jornal e a este pelos leitores” (Ribeiro, 1994:130).

O mundo do trabalho dos jornalistas tem mudado muito nos últimos anos, devido não somente à introdução de novas tecnologias, mas ao processo e à organização do trabalho. O jornalista tem que ser multiplataforma e polivalente, com a exigência de domínio dos mais variados meios e linguagens, assumindo funções desempenhadas antes por outros profissionais. Trata-se de uma polivalência não somente tecnológica, mas midiática e temática.

Neste sentido, como afirma Heloani (2006), as transformações na produção do trabalho afetam a qualidade de vida dos jornalistas, causando estresse, com o predomínio de fracasso nas vidas afetiva e familiar. Ou como diz Ribeiro (1994: 94), “a acumulação de duas jornadas, a quebra do ciclo biológico (...), provocaram problemas de saúde e motivaram o pedido de dispensa de vários profissionais”. Com isso, a vida cotidiana é uma das características mais estressantes da vida do jornalista. “Numa festa, no bar, no cinema há sempre uma pauta que pode sair desse ou daquele contato. A profissão ocupa tanto o tempo que a pessoa não pode exercer seus papéis de homem, mulher, pai, mãe, amigo” (Ribeiro, 1994: 41)

Deste modo, ocorrem zonas de conflito e sobreposições das profissões na área de comunicação. Como diz Scolari (2008:203), “un periodista comenza a usar el ordenador para editar vídeos, un diseñador gráfico se acerca al mundo de la edición sonora para començar a experimentar en el multimedia y el fotógrafo descubre el programa de ilustración a partir del uso del software de retoque”.

Neste “ponto de vista do trabalho”, podemos então considerar o jornalista mais do que um “técnico da notícia”. É um “trabalhador da notícia”. No sentido que Perseu Abramo (2007) dá ao termo, é um mediador

³ Pesquisa do grupo “Comunicação e Trabalho”, sob coordenação da Profa. Dra. Roseli Fígaro, com apoio da Fapesp.

e representante dos cidadãos. Mas, para *Ciro Marcondes Filho* (2002), o jornalismo se tornou apenas disciplinamento técnico, pois ele deve ser uma peça que funcione bem, ‘universal’, ou seja, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informações. Muitas vezes, ao se sentir mera “peça substituível”, o jornalista pode conviver com um desencantamento com a profissão. “O desencanto do profissional diante de uma tarefa aquém dele mesmo manifesta-se tanto na redação do jornal quanto no conjunto de sua vida. A imposição de exigências extrínsecas à atividade faz com que os jornalistas obedeçam a um ritmo descontínuo que, em poucos minutos, passa da letargia à tensão máxima” (Ribeiro, 1994:112).

Marcondes Filho (2002) concorda, e afirma que pelo corre-corre da profissão e por certo “preconceito generalizado e perigoso contra o aprendizado e a cultura intelectual – não conseguem decifrar (...) os dossiês, caindo facilmente nas manobras manipulativas (...) das fontes que deveriam questionar” (Marcondes Filho, 2002:64). Eis aqui uma visão que considera o jornalista um “sujeito sem escolhas”, sem probabilidades de mudança na vida cotidiana, sem espaço para a brecha, para a refração do que é sufocante, para a libertação do sujeito.

Segundo *Jorge Ribeiro* (1994:53), “o trabalho passou a ser medido pelo princípio do desempenho, que deixou cada vez menos espaço para a ação individual do jornalista, expropriado em seu poder pela crescente iniciativa da empresa de notícias – esta, sim, o grande sujeito da notícia”. A rotina jornalística pode tolher a reflexão sobre a produção dentro da redação, como afirmam *Grisci e Rodrigues* (2007). E, ainda, “a ausência de reflexão sobre a organização do trabalho não está restrita ao cotidiano de uma redação. Como todos os outros trabalhadores, jornalistas mantêm com o seu trabalho uma relação que vai além do cumprimento de uma atividade” (Grisci; Rodrigues, 2007:53). Desse modo, para *Fíguro* (2009b:4), “o que está

em jogo é o conceito que se tem de trabalho e de formação para o trabalho. Menospreza-se a importância da experiência no próprio cotidiano de trabalho e supervaloriza-se uma suposta formação técnica e prática orientada pelas rotinas”.

Como, então, o jornalista constrói sua subjetividade a partir do mundo do trabalho e encontra as “brechas” na vida cotidiana? Será que ele pensa e verbaliza o seu trabalho apenas como “técnica”?

Para *Kucinski* (2005:110), “o jornalista comum, hoje, é um trabalhador de uma linha de montagem, cuja esteira corre com velocidade cada vez maior, não deixando tempo nenhum para a individualização”. No entanto, o jornalismo se realiza no cotidiano, que é, segundo *Heller* (2004), por excelência, o terreno das probabilidades, possibilidades e escolhas, ainda que dentro de um universo finito – as chamadas “brechas”. Então, para podermos encontrar essas “brechas” na cotidianidade, temos que realizar, de acordo com *Moretzsohn* (2007), um “cotidiano exercício de suspensão da cotidianidade”, ou seja, desnaturalizar os fatos o tempo todo, sem, no entanto, perder os próprios valores do jornalista, pensando a partir do que *Heller* (2004) fala sobre os nossos preconceitos.

Somente pode-se “furar” a estrutura se houver um reconhecimento de que não se trata de sujeitos assujeitados, e que sempre há a possibilidade do ineditismo. “Trata-se de reconhecer os constrangimentos impostos por uma estrutura que, entretanto, jamais consegue conformar integralmente o processo produtivo.” (Moretzsohn, 2007:286). O discurso crítico penetra por essas fissuras, e é nesses momentos que o jornalista se despe do caráter alienante para se revelar trabalho criador, “apesar das condições em que se desenvolve: trabalho resultante do processo de suspensão de cotidianidade, capaz de levar à reflexão e de fornecer, no movimento de retorno ao cotidiano, elementos que contribuam para um novo senso comum” (Moretzsohn, 2007:286).

O diferencial do Binômio Comunicação e Trabalho para o estudo do jornalista, portanto, é compreender quais os valores, as escolhas e as renormalizações que permeiam o trabalho do jornalista e os discursos sobre o trabalho. Alguns tópicos de pesquisa são: como ele discursa sobre a atividade real de trabalho? E o trabalho prescrito? Como se

dá a comunicação no mundo do trabalho dos jornalistas estudados? Como o jornalista enuncia os produtos noticiosos a que tem acesso? Enfim, como é a atividade de comunicação e trabalho desses sujeitos e qual é o lugar da mediação do mundo do trabalho em suas vidas?

(artigo recebido jan.2013/ aprovado mai.2013)

Referências

- ABRAMO, Bia (Org.). **Um trabalhador da notícia: textos de Perseu Abramo**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2007.
- ACCARDO, Alain. **Journalistes précaires, journalistes au quotidien**. Marseille: Agone, 2007.
- ADGHIRNI, Zélia Leal. “O Jornalista: do mito ao mercado”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, 2005.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Ofício de sociólogo: metodologia na pesquisa na sociologia**. São Paulo: Vozes, 2005.
- BREED, Warren. “Social Control in the News Room: a functional analysis”. **Social Forces**, n. 33, 1955, p. 326-335.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho: estudo de recepção – o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.
- _____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. “Comunicação e trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção”. **Mediaciones Sociales: revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación**, n. 4, primer semestre de 2009a, p. 23-49.
- _____. “Comunicação e trabalho: dilemas e desafios do comunicador”. **Anais do XXXII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Universidade Positivo, 2009b.
- GANS, Herbert. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Pantheon Books, 1979.
- GREENWOOD, Ernest. “Attributes of a Profession”. **Social Work**, n. 2, 1957.
- GRISCI, Carmem; RODRIGUES, Paulo. “Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial”. **Psicologia & Sociedade**, n. 19, v. 2, 2007, p. 48-56.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HELOANI, Roberto. “O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida”. **Interações**. São Paulo, v. XII, n. 22, 2006.
- JOHNSTONE, John. **The News People: a sociological portrait of American journalists and their work**. Illinois: University of Illinois Press, 1976.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Ed. UNESP, 2005.
- LEWIN, Kurt. “Frontiers in group dynamics. II. Channels of group life: social planning and action”. **Human Relations**, n. 2, Vol. 1, 1947, p. 143-153.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. “Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil dos jornalistas de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação”. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEREIRA, Fábio Henrique. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIEFFEL, Rémy. **Sociologia dos media**. Porto: Ed. Porto, 2003.
- ROBINSON, Gertrude Joch. **News agencies and world news**. Fribourg: University Press, 1981.
- RUPELLAN, Dénis. **Les ‘pros’ du journalisme: de l'état au statut, la construction d'un espace professionnel**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1997.
- SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva**. Barcelona: Gedisa, 2008.
- SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim. **Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- SOUSA, Mauro Wilton de. (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TOGNOLLI, Claudio. **A sociedade dos chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação**. São Paulo: Escrituras, 2001.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005a.
- _____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005b.
- TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: FreePress, 1978.
- VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.
- WEAVER, David et alli. **The american journalist in the 21st century: U.S. News People at the dawn of a new millennium**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.
- WHITE, David Manning. “The ‘Gatekeeper’: a case study in the selection of news”. **Journalism Quarterly**, n. 4, v. 27, 1950, p. 383-390.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.